AVISO

A

PASTRANOS E PASTRANAS, A CALOIRAS E CALOIROS

PELA HISTORIA

DA SERRAÇÃO DA VELHA,

QUARESMA CLEMENTE, NETA DE CARNAVAL LEITÃO,

E VISAVÓ DE PASCOA CORDEIRA,

ESCRITA POR

FRANCISCO MARIANNO DO ADVENTO.

PARTE II.

LISBOA

NA IMPRESSÃO REGIA.

1806.

Com Licença.

Se o Juizo vai banido,
Vamos vivendo por tolos:
Se os velhos gostão de papas,
Aos moços demos-lhe bolos.

O Aut. neste mesmo lugar.

SEGUNDA PARTE.

1

Ficárão no Limoeiro,
Como pardaes em gaiola,
Todos do reino brejeiro,
Que enganando a gente tola,
Dão comsigo no atoleiro.

2

Porqu' o Ceo escuta os gritos,
Quando elles são produzidos
Pelos miseros afflictos,
A quem nunca nega ouvidos
Em tão penosos conflictos.

3

Com piolhos conversando,
Prefumados na Enxovía,
Se estavão arrepellando,
Quando já o novo dia
Os montes vinha doirando.

4

Esperança lisongeira
D'alguma prompta soltura
Entreteve a noite inteira
A mais réles creatura
Desta *Phalange* brejeira.

5

Lembrava-se hum de *Fuão*,
De quem já fôra Lacaio:
Outro fiava em *Sicrão*,
A quem trouxe hum papagaio
Nesta proxima monção.

6

Mas a Guarda que não falha,
Em adoçar taes enojos,
Por firmar o ponto á malha
Correo a ver os despojos
Sobre o campo da batalha.

7

Trinta, ou quasi trinta escadas
Se acharão postas em terra,
Humas sãs, outras quebradas:
De cadeiras huma serra,
E todas escangalhadas.

8

Nas tripeças não fallemos,
Por ser o numero tal,
Que algarismos não teremos,
Que possão dar conta igual,
Nem papel em que os lancemos.

9

Muita *chinela* já rôta,
Mil lenços esfarrapados,
Muita medalha marota
Forão despojos achados
Nesta nova Aljobarrôta.

10

Hum relogio appareceo,
Que tinha o nome do dono,
Pelo que nelle se deo;
Poz-lho evitando algum mono,
O mono porém foi seu.

11

Achou-se o *Cortiço* roto
Junto á *Serra* espedaçada,
E foi hum certo garoto
Provar co'a ponta da espada,
Se inda a Velha dava arroto.

12

Não sei a que lhe cheirou,
Mas na miuda pesquiza,
Muita cousa se encontrou,
Faca de ponta, *arma liza*,
E o mais que *Caco* inventou.

13

Eis que no meio da busca,
Appareceu hum papel
Lacrado com cera fusca,
Invenção que deu *Merfel*
Na Academia da *Crusca*.

14

Correo a gente em montão
Por hum, e por outro lado,
Descortinada a razão,
Foi hum *Testamento* achado,
Que á *Velha* cahio da mão.

15

O Beleguim mais sabido,
Que neste concurso havia,
Depois de o ter descosido,
O foi lendo, e assim dizia
Mais ou menos rezumido.

16

Eu a *Quaresma Clemente*,
Descargo das Consciencias,
Que soffrerei brevemente
As frivolas insolencias
Da solta vádia gente:

17

O meu Testamento faço,
Antes que afraque de todo:
Aprenda o vivo madraço,
Que he pó, e qu'acaba em lodo,
Ou de *cacho* fica *engaço*.

18

Mil oitocentas e seis
Irmãs n'um ventre geradas,
Do tempo cedendo ás Leis,
Temos morrido serradas,
E assim as mais o sereis.

19

Neste pois ultimo prazo,
Neste forçoso momento
Pelo zelo em que me abrazo,
Quero no meu testamento
Fazer dos amigos caso.

20

Quero que fique em bom geito
O que pertendo se faça,
Porque as regras de Direito
Tratão por cousa de graça
Hum testamento mal feito.

21

Por tanto vou declarar,
Que não casei, mas espero,
Que huma filha me hade herdar,
E por ser da Lei a quero
Minha herdeira nomear.

22

Deixo á sua discrição
Meu decente enterramento,
Mas no esquife pegarão
Quatro filhos do *Advento*,
E os outros atraz irão.

Mas

23

Mas sem a patacoada,
Com que este mundo s'engana,
Serei em razo enterrada;
Pos armas ponhão-me a *Cana*,
A que vivia encostada.

24

As *choradeiras* dispenso,
Que além de estarem banidas,
Não preciso falso incenso,
Nem com lagrimas fingidas
Enxovalhar tanto lenço.

25

Passando agora a legados:
Decreto, por minha morte,
Sejão todos inteirados
Do que lhes couber em sorte
Em vinte dias contados.

26

Quero qu'os trastes melhores,
E ricas alfaias minhas
Aos inimigos maiores,
E ás mais devotas vizinhas
Mostrar não guardo rancores.

27

Deixo aos contrarios d'*atum*
Bacalhão, e mais *feijões*,
E sem reserva d'algum
D'esses, que são comilões
Os dias do meu Jejum.

28

A'quelles que tem por vicio
Andar muito alfazemados,
Trazendo por frontespicio
Seus camizotes bordados,
O afago do meu *Cilicio.*

29

Aos *poltrões* que a noite esperão
Dos dias fazendo noites,
Porque nisto o merecêrão,
Lhes lego os poucos açoites,
Que nos meus dias se dérão.

30

Por ter sempre bem olhado
A *Pascoa* minha bisneta,
Eu lhe deixo de bom grado
Minha roupa roxa, e preta,
Para a tingir d'encarnado.

31

A's *Solteironas* qu'estão
Tornando os rostos casquilhos,
De espelho e borla na mão,
Lhes deixo para polvilhos
As cinzas do meu fogão.

32

A's *Palradeiras* velhacas,
Que em vez dos Sermões ouvir
Estão amolando as facas
Para os créditos ferir,
Lego-lhes as minhas matracas.

33

A todo aquelle patão,
Que meu funereo apparato
Vir de tripeça, ou degrão,
Ordeno lhe dem hum prato
De pelles de Bacalhão.

34

A toda a mulher casada,
Destas gravanas golosa,
Enganando, ou enganada,
De disciplina huma groza
Por seu marido contada.

35

A toda a moça donzella,
Ou que por tal seja tida,
Deixo esta côr amarella
Dos jejuns da minha vida,
Por serem alheios della.

36

E como ás mãos da saudade
O peito sinto estalar,
Sou de tanta caridade,
Que ao tempo de me serrar,
De mim vos deixo metade.

37

Eis-aqui o testamento,
Que fez *Quaresma Clemente*,
Para ser recordamento,
Que faça, que a louca gente
Olhe por si hum momento.

38

Porqu' em todas as idades
Em farças assim tecidas,
Achamos moralidades;
E nas fabulas fingidas
Reluzem puras verdades.

ACABOU-SE, ou *FINIS.*